

Notas

Avulsas

Em que museu da Europa está?

Isso perguntei a mim mesmo ao entrar na sala-museu do advogado Roque de Brito Alves, que me convidava para ver as suas raridades. Não se pode — disse logo a Roque e a João de Brito Alves, que me receberam como velhos amigos que somos — entrar de chofre nesse mundo maravilhoso que aí está. Diante duma catedral gótica temos de parar um pouco receber a sua mensagem e só depois penetrar naquele mistério. Assim, no museu de Roque de Brito Alves, que só por si define a sensibilidade do seu criador.

Quatro anos e meio levou êle a adquirir tanta preciosidade. Da Europa trouxe muita coisa. Mas aqui mesmo, com os nossos barões e senhores de engenho, com a nossa aristocracia, êle encontrou riquezas quase fabulosas. Roque vai expor parte do seu museu no salão nobre do Palácio da Justiça e eu só peço a quem tiver bom gosto que vá ver o que êle possui.

Lentamente vou contemplando as raridades: móveis, jarros, quadros do Recife antigo, magníficos consolos, uma peça que está no centro da sala e que é um primor de arte, pratos, xícaras, um mundo inteiro que o ascetismo do colecionador foi recolhendo e é hoje, nesta cidade, uma sala talvez sem comparação com nenhuma outra, por mais requintada. A melhor gente que vem ao Recife vai ver êsse museu particular, no qual um homem põe a sua riqueza interior. Concentra-se numa sala tanta coisa que, em conjunto, é o que se pode oferecer de completo ao mais exigente gosto.

Ao mostrar-me um prato que pertenceu ao barão de Penedo, Roque se lembra talvez do meu livresco sobre a Questão Religiosa e me diz de maneira deliciosamente irônica:

— Aqui, um prato do seu amigo...

Quase tudo está informado por fichas elucidativas que facilitam já o caminho para o que sugeri a Roque: o Álbum completo de todas as peças, com as devidas explicações. Teríamos Arte e História ao mesmo tempo. É um serviço prestado à cultura pernambucana em dimensões raramente atingidas. Esse Museu que êle organizou, ao impulso exclusivo do seu fino espírito, é um refúgio onde estive por alguns momentos como se vivesse um sonho, com o século XIX mais do que qualquer outro ao alcance das mãos e ao êxtase dos olhos.

N. P.

JORNAL DO COMMERCIO

Órgão independente e noticioso

Diretor: F. Pessoa de Queiroz

Ano XLVIII — Número 209

Recife, 9 de setembro de 1967

Diretor: F. Pessoa de Queiroz

Ano LII — Número 214

Recife, 17 de setembro de 1977

Órgão Independente e Noticioso

Tôda vez que visito a casa — digo melhor: o museu de arte — de Roque de Brito Alves, saio pensando que, neste mundo, ainda há ilhas onde a gente pode se refugiar. Homem de bom gôsto, lido e corrido como se costuma dizer, está sempre a renovar a sua excelente coleção; e ali é um mundo criador que, de repente, como numa aparição, se mostra esplendoroso aos nossos olhos, cansados de tanta vulgaridade.

Vejo e revejo as peças tôdas. Aqui a máquina de escrever emperra, porque não encontro palavras — sobretudo não encontro adjetivos — para dizer dessa fuga, dessa integração no artístico e no histórico que Roque de Brito Alves vem mostrar aos amigos, porque êle não está ali por exigência do temperamento, mas como devoto do Belo. E o que se vê e revê deixa na alma da gente uma sensação de haver percorrido épocas inteiras, diferentes, é certo, mas que nós outros — os dêste século apressado e tecnológico — já não podemos atingir. Não digo que a Beleza — veja-se bem — está no tempo. Nem que, passado êsse tempo de esplendor, tudo cessou. Nem que, hoje, o gênio está extinto. Digo sim. que aquêle

PREVENTIVAS

Organicamente fortalecida. Os casos fatais são consequência de uma soma de doenças às quais, o organismo fraco jamais resisti-

ra. das por gripe e que já se observou, no surto atual desta doença, a possibilidade de de uma progressão para a pneumonia.